

ARQUIVOS ESCOLARES E MEMÓRIA: NOVAS PERSPECTIVAS DA PESQUISA HISTÓRICA A PARTIR DAS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO*

*FERNANDES, Lincoln Christian***

Introdução

Este trabalho tem como proposta tratar da discussão em torno dos arquivos escolares e da memória, procurando analisar o lugar, a finalidade, o interesse e a importância dos arquivos no que se refere a memória e esquecimento do cotidiano escolar, pois, ao mesmo tempo em que se pretende discutir sobre a preservação de fontes/documentos, também se tem como objetivo abrir um debate sobre a falta de tradição em arquivamento, especialmente quando se fala em instituições não confessionais, públicas e de regiões interioranas. Em termos de relevância, esta pesquisa pode ser considerada fundamental para a história da educação do Mato Grosso do Sul e de uma forma geral, poderá se tornar referência em pesquisa sobre arquivos e cotidiano escolar de instituições públicas localizadas no interior e/ou na periferia de uma determinada região. O objetivo central da pesquisa se direciona para a apropriação de novas tecnologias da informação no sentido de garantir o futuro dos arquivos escolares e concomitantemente da apreensão da memória escolar. Assim, a história cultural aparece como o referencial teórico deste trabalho, pois valoriza a pesquisa do cotidiano como objeto de investigação e a história oral como técnica e método para chegar a alguns apontamentos ao longo da pesquisa. A respeito da metodologia, primeiramente foi através da observação de campo, percorrendo algumas instituições de maior tempo de estabelecimento na cidade de Dourados/MS. Posteriormente, ocorreu a coleta de depoimentos dos servidores, foram utilizados para confirmar algumas observações registradas sobre as dificuldades no arquivamento e na preservação de documentos significativos para apreensão da memória e escrita da história de instituições de ensino. Entre os resultados obtidos, a principal constatação foi em relação a diferença entre os arquivos das instituições escolares privadas-confessionais e as públicas-laicas, sendo que nas primeiras, até existe uma tradição de arquivamento de documentos históricos, porém, pouco representativo sobre o cotidiano escolar e mais sobre a ordem religiosa responsável pela fundação das instituições. Já nas segundas, foi possível constatar uma situação de completo abandono em relação aos

* O presente artigo tem como origem a pesquisa em andamento pela linha: em História da Educação, Memória e Sociedade do PPÉdu/UFGD.

** Graduado em História, especialista em filosofia e mestrando em Educação (UFGD), é professor da rede pública estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: lincolnchristian@msn.com

documentos históricos, significativos na apreensão da memória escolar e inclusive os arquivos orgânicos que é a única preocupação em termos de arquivamento destas instituições, no entanto, também sofrem com as más condições das instalações dos arquivos.

A partir da proposta de trabalhar com essas novas temáticas da história, cotidiano e arquivos escolares, além das novas tecnologias da informação na dimensão do campo de investigação da história da educação, se torna importante a análise da historiografia mundial e da historiografia da educação brasileira. Diante das rupturas e continuidades de paradigmas, entre construções e desconstruções de referenciais teóricos metodológicos, o movimento da Historiografia Ocidental, conforme observado na obra *As escolas históricas* (2003), o início do século XX foi marcado pela fundação da revista *Annales*, que através de seus fundadores, ocorreu a formação de uma escola histórica. Segundo Bourdê e Martin (2003), a Escola dos *Annales* foi uma instituição poderosa na produção da história. Esta Escola possuía sua própria universidade (EAESS) e meios extra-universitários como casas editoriais e uma posição na grande mídia. Então, considerando a primeira geração dos *Annales*, de *Bloch* e *Febvre*, a segunda geração, de *Braudel*, a terceira, de *Le Goff* e *Duby*, por fim a geração de *Chartier*, *Burke*, *Hunt* e outros, que buscando refúgio da criticada história das mentalidades, se apoiaram na história cultural. De acordo com *Vainfas* (1997);

Sem desmerecer outras correntes, nem tampouco os centros e publicações historiográficas que se firmaram em outros países, antes e depois dos *Annales*, a *história nova* francesa talvez tenha sido a que mais irrigou e inspirou a pesquisa e a reflexão historiográfica mundial nas últimas décadas. (*Vainfas*, 1997, p. 131)

Quanto às características da história cultural, ou melhor, da *Nova História Cultural*, denominação utilizada para não confundir com a mais conhecida *história da cultura*, a primeira a se destacar diz respeito ao lugar especial reservado a história dos anônimos. Segundo o próprio *Vainfas* (1997), “A chamada *Nova História cultural* não recusa de modo algum as expressões culturais das elites ou classes ‘letradas’, mas revela especial apreço, tal como a história das mentalidades pelas manifestações das massas anônimas”. (1997, p.149). A segunda, mas diretamente relacionada a primeira, é buscar o cotidiano como tema de investigação.

Assim, abordar o cotidiano escolar de classes anônimas torna-se necessário também a discussão de representação, pois conforme *Faria Filho* (2003), quando tratou em seu trabalho sobre a invenção do cotidiano escolar, o autor estava sugerindo teoricamente a construção de representações sociais sobre a escola e de seu lugar no mundo social no olhar da cultura. Então, se pode dizer que através da História Cultural, pesquisar a história do

cotidiano escolar, seria, conforme Pesavento (2004), “(...) decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo” (PESAVENTO, 2004, p. 42). O problema de trabalhar as representações do passado está no fato do historiador lidar com a produção do real a partir do não visto e do não vivido, sendo que o mesmo só pode ser visualizado, segundo Pesavento (2003), (...) através de registros e sinais do passado que chegam até ele”. (ibidem).

É nesta conjuntura que historiadores da educação estão se inserindo, propondo a investigação de novos objetos que podem estar vinculados a elites tanto como as classes de trabalhadores anônimos. Porém, não se pode deixar de falar das fontes, pois a partir da proposição de novos objetos, surge o problema das fontes. No caso do objeto deste artigo, ao tratar de memória e cotidiano escolar de instituições de ensino esquecidas ou silenciadas, se percebe que os arquivos escolares desempenham uma função fundamental ao pesquisador, considerando o contraste entre arquivos ricos em documentação, mas desorganizados e arquivos com uma quantidade mínima de documentos e em condições precárias. Sobre o problema das fontes, conforme Fonseca (2003), “A procura por fontes muito diversas daquelas utilizadas pelos historiadores tradicionais seria inevitável, urgindo também novas reflexões metodológicas, como, por exemplo, acerca do tempo e de suas múltiplas dimensões”. (FONSECA, 2003, p. 49).

Então, ao abordar o tema arquivo escolar na pesquisa em história e memória das instituições escolares, se pode conceituar este tipo específico de arquivo, conforme Medeiros (2004), como “Conjunto de documentos produzidos ou recebidos por escolas públicas ou privadas, em decorrência do exercício de suas atividades específicas, qualquer que seja o suporte da informação ou natureza dos documentos”¹(2004, p.2). Os arquivos escolares têm finalidades e funções diversas e dispõem de informações importantes sobre a trajetória de vida dos indivíduos e grupos que fizeram ou fazem parte de uma determinada instituição. Sobre a importância dos arquivos escolares, cabe citar a autora portuguesa Mogarro (2006), que afirma que este tema tem ganhado maior visibilidade em pesquisas desenvolvidas nos últimos anos e que em Portugal surgiram em artigos de referência. No Brasil, a pesquisa com instituições escolares e seus arquivos também apresentou significativo crescimento. No entender de Diana Vidal (2005), os arquivos escolares têm emergido nos últimos dez anos

¹ O artigo de Medeiros foi resultado de uma palestra proferida no III Colóquio do Museu Pedagógico em 2003 na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

como temática recorrente no campo de estudo da história da educação brasileira. Segundo a autora;

Relatos de experiências de organização de acervos institucionais, narrativas sobre as potencialidades da documentação escolar para a percepção da cultura escolar pretérita (e presente), publicação de inventários e guias de arquivo, elaboração de manuais e reprodução de documentos (digitados ou digitalizados) vêm mobilizando investigadores da área, renovando as práticas da pesquisa e suscitando o uso de um novo arsenal teórico-metodológico (VIDAL, 2005, p. 72).

De acordo com Lüdke e André (1986) as escolas geralmente não se preocupam em salvaguardar seus registros documentais, sendo assim, ocorrendo o esquecimento da memória coletiva². Assim, as escolas ditas pelos autores não são homogêneas em relação a prática e cultura de arquivamento, porém, foi possível verificar que as instituições confessionais apresentam maior preocupação com arquivamento e arquivo em melhores condições de conservação, porém, também se sabe que o processo de seleção da documentação arquivada é rigorosa e o acesso não é democrático. De toda forma, mesmo com todos os questionamentos sobre a legitimidade dos arquivos escolares de instituições confessionais, a documentação funciona como ativamento da memória coletiva. O contrário se pode dizer das instituições públicas não confessionais e de regiões interioranas³, que cumprem apenas a função de arquivar a documentação oficial, ou seja, o arquivo administrativo, e mesmo assim, a realidade destes arquivos é lamentável, segundo Menezes, Silva e Teixeira Junior (2005);

Os pesquisadores da educação que tem se comprometido com o árduo trabalho de organização dos arquivos, na maioria das vezes, deparam-se com condições adversas, diante da visível deterioração, por conta das instalações inadequadas, por vezes insalubres, que põem em risco tanto a existência dos documentos quanto a saúde dos pesquisadores”. (2005: 68)

Outra questão neste sentido dos problemas do arquivamento das fontes/documentos, diz respeito a falta de incentivo e tradição de arquivamento em instituições do interior, quem apontou para esta condição foi a pesquisadora Souza (2009) ao observar a realidade do interior do Estado da Bahia. Ao escrever sobre arquivos educacionais, analisou a contradição entre grandes centros e regiões interioranas;

Todavia, se, para os grandes centros essa tendência, muitas vezes, se reveste de experiências bem-sucedidas de constituição e proteção de acervos de valor histórico, o mesmo não ocorre quando atentamos para a realidade de cidades interioranas, com valorosas exceções e, mais especificamente para a nossa região. (SOUSA, 2009: 127)

² Ver “Memória coletiva” de Maurice Halbwachs, (1990).

³ Conforme Sousa (2009: 127).

Reconhecendo situação semelhante no Mato Grosso do Sul e considerando que os arquivos escolares são constituídos de diversas espécies documentais, que através da sua preservação, se tornam fontes de pesquisa porque registram a memória do fazer e pensar pedagógico, o cotidiano escolar, ou seja, das práticas sociais que determinam uma forma peculiar de cultura, a *escolar*. Portanto, o tipo de informação gerado numa escola é bastante específico, refere-se ao histórico de reprovações, de evasão escolar, as práticas educativas, aos saberes, as atividades culturais entre outras. Essas informações podem se constituir em fontes importantes para a pesquisa em educação seja no âmbito do local, do regional ou mesmo do nacional. O conteúdo de um arquivo escolar pode ser dividido basicamente em arquivo orgânico (administrativo, documentos oficiais) e o arquivo memorialista (pedagógico, documentos produzidos no cotidiano da vida escolar).

Para continuar, cabe aqui, ressaltar sobre a particularidade do objeto, os arquivos tradicionais exigem espaço e pessoal para o seu devido funcionamento nas instituições de ensino, o que torna difícil a sua viabilidade, pois o que se pode observar em Dourados/MS, é que não há espaço físico, muito menos pessoal. Porém, sabendo dos recursos e aplicativos das tecnologias da informação digitalizadas e da relação informática e história, surgem as possibilidades de constituição de arquivos escolares digitalizados, com a capacidade de apreender documentos que permitem aos pesquisadores investigarem sobre o cotidiano⁴ de uma comunidade escolar, pautado na pesquisa em arquivo e cultura escolar, sendo que a partir do referencial da História Cultural, conforme aponta Vainfas (2002), há uma valorização da investigação do anônimo, do informal, do popular, de uma forma geral, do cotidiano.

Dentro da perspectiva de tratar de arquivos escolares e das novas tecnologias de informação neste trabalho, vale lembrar que esta se pensando em arquivos de instituições de ensino com pouca tradição de arquivamento e sem nenhum incentivo público ou privado para reverter o atual quadro de esquecimento. Desta forma, com a propagação das tecnologias que acabam barateando equipamentos, tornando mais acessível, já se pode pensar em arquivos escolares digitalizados, a respeito desta possibilidade se pode analisar o seguinte;

Existem com certeza boas razões para se prever que nas próximas duas décadas, ou em torno disto, as tecnologias da informação digitalizadas tomarão conta do mundo, transformando a maneira de os estudiosos contemporâneos das ciências sociais e humanas conduzirem suas pesquisas e disseminarem suas descobertas. (DOLLAR, 1994, p 66)

⁴ A História Cultural, conforme apontou Vainfas (2002) valoriza a investigação do cotidiano, “Em resumo, a nova história cultural revela uma especial afeição pelo informal, sobretudo pelo *popular*”. (2002, p. 57)

De acordo com a colocação de Dollar (1994), e, próximo de completar as duas décadas previstas pelo autor, sua previsão vem se confirmando, já estamos vivendo a revolução tecnológica, os computadores e a internet são uma realidade no Brasil. Neste propósito, esta pesquisa também confirma a projeção de que pesquisadores das ciências sociais, humanas e da educação, estão desenvolvendo estudos a partir desta realidade, ou seja, pelas tecnologias da informação digitalizadas.

Neste início do século XXI, a chamada *era da informação* já provocou inúmeras transformações nas práticas sociais do Ocidente, porém, há algumas realidades que pouco ou quase nada sofreram de influências desta revolução. Pelas palavras de Jardim (1992), esta *era da informação*, estaria provocando nas últimas décadas do século XX, conseqüências de armazenamento e disseminação de informação em quantidade como nunca se tinham produzido, mas por outro lado, muitos bens de valor histórico são descartados nas instituições escolares por falta de informação

Neste sentido, a análise da obra do historiador francês Jacques Le Goff (1992), *História e memória*, permite uma compreensão da memória enquanto meio determinante nas relações de *estabelecidos e outsiders*⁵, “(...) Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas.” (LE GOFF, 1992, p. 426). A partir desta reflexão é que se propõe relacionar arquivos escolares com memória, ou seja, controlar os mecanismos de memória e esquecimento passa pelo debate da função dos arquivos especialmente em instituições onde a comunidade envolvida é considerada anônima, por ser composta basicamente por trabalhadores e suas respectivas famílias.

Em Le Goff (1992), o esquecimento voluntário ou involuntário da memória coletiva dos povos e mesmo das instituições pode provocar alterações graves na identidade coletiva. Seguindo os estudos de memória na obra *História e memória*, se observa que a memória coletiva sofre manipulações ao longo da história, de modo que acaba interferindo decisivamente na luta das forças sociais pelo poder. Devido à importância deste pesquisador francês, se acrescenta ainda, que sua obra provoca uma importante reflexão a respeito do valor e da função que a memória coletiva tem no processo das grandes transformações históricas das sociedades nas últimas décadas do século passado. “Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos (...)” (LE GOFF, 1992, p.475); e ainda: “a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades

⁵ Sociologia das relações de poder defendida por Elias a partir das referências da micro-sociologia.

desenvolvidas e em vias de desenvolvimentos, das classes dominantes e das classes dominadas” (Idem, ibidem).

Desta forma, os arquivos escolares têm uma importante função de preservar a memória de instituições escolares e respectivamente das suas comunidades, mas o esquecimento ou silêncio é predominante. Tal afirmação foi possível através da observação de campo que ocorreu primeiramente de modo informal na cidade de Dourados, posteriormente, algumas instituições (privadas-confessionais / públicas-laicas) foram visitadas e através da metodologia da História Oral, foi possível a princípio, constatar a falta de atenção e preocupação com os arquivos de ordem memorialista.

Caminhos Percorridos na Produção de Documentos

Para verificar o que tinha sido constatado no trabalho de observação de campo, se fez necessário um método específico para apreender os sinais e indícios da falta de tradição de arquivamento de documentos da memória coletiva. Assim, através das técnicas e método da história oral, foram escolhidas para visita e pesquisa com arquivos escolares, duas escolas confessionais e as cinco primeiras escolas estaduais estabelecidas no perímetro urbano. Cabe destacar que num horizonte de instituições públicas e privadas, centrais e periféricas observadas num espaço local, nenhuma das instituições pesquisadas possuíam arquivos específicos da memória escolar.

O passo inicial e fundamental foi definir as estratégias para se obter o retorno satisfatório para a realização da investigação, então, foi definido no roteiro geral, conforme exige o método da história oral, que nas instituições, as servidoras responsáveis pela secretaria seriam as pessoas entrevistadas, primeiro por serem as profissionais que diariamente lidam com todo tipo de documentos, segundo, porque são efetivas na função.

Após a realização das entrevistas e com as anotações no diário de campo⁶, ficou claro que não se reconhece a importância de preservação e conservação da documentação que registra o cotidiano escolar destas instituições. No entanto, deve ser ressaltado que nas duas instituições privadas e confessionais, há uma preocupação maior com a história institucional, em ambas, foi relatado com ênfase sobre documentos que tratam da fundação das unidades escolares, a primeira citada, fontes escritas e fotos da chegada das primeiras irmãs que chegaram para criar a escola na cidade de Dourados, da segunda, o mesmo tipo de

⁶ O diário de campo, também é uma técnica adotada pelos pesquisadores que trabalham com a história oral, são registradas as informações e situações em que ocorreram as entrevistas.

documentação, mas, também das primeiras religiosas que criaram a instituição. Assim, é até possível afirmar que os arquivos das instituições confessionais são mais ricos e bem preservados em relação as não confessionais, porém, não significa que podemos chamá-los de arquivos escolares, portanto, também se perde a memória do cotidiano escolar das instituições confessionais-privadas.

Já dentre as cinco instituições públicas pesquisadas, uma apresentou uma preocupação maior com a memória, esta constatação ocorreu na Escola Municipal Joaquim Murinho⁷, sendo que logo ao se adentrar nas dependências da unidade, mais especificamente no corredor de acesso as salas de aula, se encontram fixadas na parede, fotos dos primeiros professores (as), diretores (as), além de um bem organizado mural, também fixado na mesma parede, referente a solenidade de comemoração dos sessenta anos da Escola.

Em relação a entrevista, também foi possível identificar no cotejamento dos depoimentos, que existe uma preocupação maior com o arquivo nesta mesma instituição, quando foi perguntado a secretária sobre o local e as condições onde eram arquivados os documentos da instituição, foi respondido o seguinte, “O Arquivo passivo: Estão arquivados em caixas em um depósito anexo a secretaria, onde existe prateleira apropriadas para este fim. Já o Arquivo ativo: Estão armazenados em arquivo de aço na própria secretaria”. Quanto ao tipo de documento arquivado, também foi no depoimento da secretária da Escola Joaquim Murinho que foram citados em maior quantidade, a seguir a lista apresentada pela mesma;

Escrituração escolar; Pasta individual de alunos; diários de classe; atas de resultados finais; legislação educacional vigente (LDB, deliberações, etc.); vida funcional; pasta individual dos funcionários (contendo toda a documentação pessoal bem como todos os atos legais e publicação em diário oficial referente a sua carreira); livro ponto; relatório de frequência; legislação vigente (PCCR – Estatuto dos Servidores, Regimento Escolar); Documentos diversos: ofícios recebidos e expedidos, comunicados para os pais, lista de presença de reuniões pedagógicas e administrativos, documentos legais da APM (Atas e Estatutos), projetos pedagógicos desenvolvidos extra classe (coral, balé, futsal, etc.), recursos financeiros (convênios: PNAE, PDDE, PMD e outros), prestações de contas, convênios e termos aditivos.

Diante de uma lista tão rica em fontes para a história da educação de Mato Grosso do Sul, houve a necessidade de retornar a esta instituição, pois haveria de se perguntar a mesma secretária sobre o descarte da documentação, ou seja, por até quanto tempo se mantinha arquivado a documentação mais específica do cotidiano escolar. Na continuidade da pesquisa com história oral, foi possível perceber que apesar da vasta lista de documentos citados, não tinha muita diferença em relação as outras, pois da mesma maneira, a memória

⁷ Esta instituição foi criada pelo Estado do antigo Mato Grosso em 1949, mas em 1995, ela foi municipalizada.

cai no esquecimento com a prática de descarte dos documentos por falta de espaço, novas tecnologias e também incentivo governamental. Segunda a secretária da escola, os únicos documentos arquivados de forma permanentes são: “Pasta individual dos alunos; Atas de resultados finais; Documentos de funcionários (vida funcional); Livro ponto de funcionários”. Em relação aos demais documentos listados, a prática de descarte é a de incineração, dependendo dos documentos, anteriormente é elaborado um termo específico sobre o descarte após o tempo determinado segundo a legislação.

Após tais constatações, a análise se volta para a questão do lugar e da importância dos *arquivos escolares* na apreensão da memória do cotidiano das instituições de ensino. Sobre o lugar dos arquivos na pesquisa em história da educação, a discussão se direciona para a sua capacidade de apreensão da memória escolar. “Na sua multidimensionalidade, assumindo o seu arquivo papel fundamental na construção da memória escolar e da identidade histórica de uma escola” (MOGARRO, 2006, p. 73). Esta autora reforça a ideia já discutida anteriormente, onde os arquivos escolares preservam a memória escolar que conforme Le Goff tem uma função fundamental no interesse de classes pelo privilégio social.

Mas para justificar a importância da preservação de fontes históricas nos arquivos escolares, analisado na contradição entre memória e esquecimento de instituições de ensino, vale a pena se atentar para o que diz Mogarro;

O arquivo escolar, garante, em cada instituição, a unidade, a coerência e a consistência que as memórias individuais sobre a escola, ou os objectos isolados por ela produzidos e utilizados, não podem conferir, por si sós, a memória e a identidade que hoje se torna fundamental construir. (2006, p.77)

A proposta da pesquisadora verificada na obra analisada não tem um direcionamento no sentido das discussões propostas neste trabalho, já que os objetivos apresentados inicialmente giram em torno da importância de reconhecimento e da organização dos arquivos escolares no interior das escolas. Para tanto, foi possível visualizar pelo seu trabalho a possibilidade de relacionar os arquivos escolares com memória do cotidiano escolar, um categoria de memória social. Então, estas considerações obtidas da leitura do trabalho de Mogarro (2006) confirmam a ideia de que o controle sobre a memória e o esquecimento pode fazer muita diferença no presente e no futuro das instituições de ensino. Vale destacar ainda, que o controle do esquecimento tem um caráter político, pois na observação de campo, conforme já foi indicado, o silêncio ou esquecimento da história é algo característico da grande maioria das instituições escolares das redes públicas (municipal e estadual). Os servidores e as escolas não recebem nenhum tipo de incentivo de suas

secretarias e representantes de governo para formação dos profissionais da educação na temática de arquivamento e muito menos para aquisição de recursos que garantam a preservação da memória. Quando foi observada esta intenção de preservação em um número reduzidíssimo de instituições públicas, acabou sendo fruto da dedicação e do esforço de um professor ou de um grupo isolado de profissionais.

Portanto, através da realização desta investigação sobre a temática da história e memória de instituições escolares e na escolha dos objetos a serem trabalhados, fontes, arquivos e novas tecnologias da informação, torna-se possível apontar como resultado parcial da pesquisa que está em andamento, que é válido produzir conhecimento em programas de pós-graduação *Stricto Sensu*, direcionados a intervenção na realidade social, ou seja, trabalhar na busca de deixar uma contribuição para reverter situações de fragilidades de grupos ou classes sociais ligadas a instituições de ensino que sofrem com o esquecimento da memória coletiva.

Referências

BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas**. Tradução de Ana Rabaça. 2ª ed. Portugal: Publicações Europa-América/Fórum da História. 2003.

DOLLAR, Charles. Tecnologias da informação digitalizada e pesquisa acadêmica nas ciências sociais e humanas: o papel crucial da arquivologia. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, vol. 7, n. 13, 1994, p. 65-79.

ELIAS, N. SCOTSON, J. L. **Estabelecidos e Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O processo de escolarização em Minas Gerais: questões teóricas metodológicas e perspectivas de pesquisa. In: **História e historiografia da educação no Brasil**. FONSECA. Thais Nivia de Lima e, VEIGA, Cynthia Greive (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2003, pp. 77-98.

FIGUEIREDO, Luciano R. História e informática: o uso do computador. In: **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (orgs.). Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, pp. 419-440.

FONSECA. Thais Nivia de Lima e. História da educação e história cultural. In: **História e historiografia da educação no Brasil**. FONSECA. Thais Nivia de Lima e, VEIGA, Cynthia Greive (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2003, pp. 49-76.

GATTI JÚNIOR, D. A História das Instituições Escolares: Inovações Paradigmáticas e Temáticas. In: ARAÚJO, J. C. S.; GATTI JÚNIOR, D. (Orgs.). **Novos Temas em História da Educação Brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados; EDUFU: Uberlândia, 2002.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

JARDIM, José Maria. As novas tecnologias da informação e o futuro dos arquivos. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, vol. 5, n. 10, 1992, p. 251-260.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 1992.

LOMBARDI, José Claudinei. As novas tecnologias e a pesquisa em história da educação. In: **Arquivos, fontes e novas tecnologias**: questões para a história da educação. Luciano Mendes de Faria Filho (org.). Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco, 2000, p. 123-150.

LÜDKE, Mena; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

MENEZES, Maria Cristina; SILVA, Eva Cristina da; TEIXEIRA JÚNIOR, Oscar. **O arquivo escolar**: lugar da memória, lugar da história. **Revista Horizontes**, v. 23, n. 1, p. 67-76, jan./jun. 2005.

MEDEIROS, Ruy Hermann Araújo. Arquivos escolares: breve introdução a seu conhecimento. **Revista HistedBR**, Campinas n.14, jun.2004. Disponível em: www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_096.html Acesso em: 07/10/2009.

MOGARRO, M. J. Arquivo e educação: a construção da memória educativa. Sísifo. **Revista de Ciências da Educação**, Lisboa, p. 71-84, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOUSA, Maria A. Silva de. Arquivos Educacionais: preservação do patrimônio e construção do conhecimento. In: **A pesquisa e a preservação de arquivos e fontes para a educação, cultura e memória**. Ana P. B. S. Casimiro, José C. Lombardi, Livia D. R. Magalhães (org.) Campinas, SP: Editora Alínea, 2009, p. 127-136.

VAINFAS, Ronaldo. Da história das mentalidades à história cultural. In: **Os protagonistas anônimos da história: micro-história**. Rio de Janeiro: Campus, 2002, pp. 53-67.

_____. História das mentalidades e história cultural. In: **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (orgs.). Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, pp. 127--162.

VIDAL, D. G. Apresentação do Dossiê - Arquivos e Educação: Desafios à prática e à pesquisa em História da Educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n. 10, p. 71-73, 2005.

Entrevistas

Aidir dos Santos Vilharva Pereira. Escola Municipal Joaquim Murтинho.

Danilo Muzzi Meira. Escola Estadual Ministro João Paulo dos Reis Veloso.

Elisabeth Spinola Barbosa Muchão Castilho. Escola Erasmo Braga.

Geralda Teixeira Betoni. Escola Imaculada Conceição.

Iolanda Betoni. Escola Estadual Antonia da Silveira Capilé.

Luciane da Silva Azambuja. Escola Estadual Menodora Fialho Figueiredo.

Noemi Gama de Campos. Escola Estadual Presidente Vargas.